



Minha infância no campo

Seis meses de magia rural abriram-me
os olhos para um novo mundo

Por BERNICE RUBENS

Não sou aquele tipo de pessoa “do campo”. Mas uma vez, há muito tempo, o campo me foi imposto. Era o ano de 1942, e fomos removidos para uma fazenda próxima a Cardiff, minha cidade natal no País

de Gales. De lá víamos os bombardeiros vasculharem o céu.

Mas era quando voltavam que ficávamos nervosos, por causa da carga que traziam – bombas excedentes que caíam nos campos das redondezas, estilhaçando as janelas de nossa casa. Minha mãe dizia que podia-



mos ter ficado em Cardiff. Eu sabia que não levaria muito tempo para irmos embora, arriscar a sorte na cidade grande.

Assim, eu atribuía ao campo duas qualidades – irrelevância e impermanência. Entretanto, resistimos naquela fazenda por quase seis meses e, durante esse tempo, sofri uma mudança radical, tanto no coração quanto na mente.

Tudo começou numa certa manhã quando me preparava para ir à escola. Minha mãe estava diante da janela, observando uma vaca solitária que atravessava um campo distante.

– Fico imaginando para onde ela está indo e quando vai chegar lá – disse ela.

Ora, minha mãe era mulher prá-

tica, com os pés no chão, e por um momento assustador pensei que o campo finalmente fizera com que perdesse a razão. Os passos de uma vaca jamais me haviam feito pensar. Sabia para onde eu ia – para a escola, ainda que relutante – e que, se não saísse logo, perderia o trem.

Naquela manhã de fato o perdi, pois me distraí no caminho para a estação. Cheguei até a parar diversas vezes. As divagações de minha mãe haviam mexido comigo. Em Cardiff, aquilo nunca lhe teria ocorrido. Não que tivéssemos vacas por lá, mas havia outros animais – cães e gatos – e ela nunca parou e perguntou aonde iam.

Tomei o trem seguinte. Durante todo o dia, porém, não consegui me concentrar e, depois das aulas, no

caminho de volta da estação, me peguei estudando as flores das sebes – beijos-de-freira vermelhos, rosas silvestres, beladonas e saudades, nomes que eu então desconhecia – e sentindo prazer em descobri-las.

Quando cheguei em casa, um cheiro pouco familiar exalava pela porta. Ao entrar na cozinha, encontrei minha mãe assando pão. Em Cardiff, isso seria tão improvável quanto ela se preocupar com o destino de um gato. E, para completar, mamãe tinha no rosto um ar de felicidade tranqüila e radiante, que eu nunca percebera em nossa cozinha da cidade.

– Hoje vi flores lindas nas cercas vivas – observei. – Queria saber os nomes delas.

– Na estante há um livro sobre plantas – respondeu ela. – Vamos sair amanhã e ver se descobrimos todos os nomes.

Dali em diante minha mãe e eu passamos a caminhar todos os dias. No início, assim como na cidade, pouco nos falávamos. Como os assuntos urbanos – dever de casa esquecido, gavetas desarrumadas, pouco treino de piano – estavam fora de discussão, melhor era deixá-los enco-

bertos pelo silêncio. No campo, pareciam absolutamente irrelevantes.

Com o passar dos dias, identificamos cada flor, nossas bocas cheias de vocabulário não-urbano. Observávamos os pássaros e saboreávamos seus nomes recém-descobertos. Quando o outono chegou, víamos as folhas caírem de verdade e assistíamos a tudo maravilhadas.

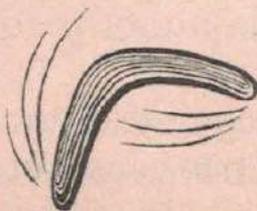
À noite, quando os bombardeiros desapareciam do céu, olhávamos as estrelas e sussurrávamos: Órion, Ursa Maior e Menor. E, quando a neve caiu, vimos nosso primeiro tordo fora de um cartão de Natal. Nunca me senti tão próxima de minha mãe como durante aquela estada no campo.

Quando voltamos a Cardiff, retornamos ao nosso silêncio urbano, às falsas prioridades das provas e das gavetas arrumadas. Mas frequentemente sorriamos uma para a outra, recordando aquela magia rural, aquela sensata vara de condão que punha tudo no devido lugar.

E mesmo agora, tantos anos depois e completamente urbana, ainda sou capaz de observar um cão andando por uma rua cheia de gente e me perguntar aonde ele estará indo.

CONDENSADO DE COUNTRY LIVING (FEVEREIRO DE 1996) © 1996, COUNTRY LIVING, LONDRES, INGLATERRA

BRIGA DE IRMÃOS



Eu havia apartado a briga dos meus filhos pequenos e ambos tentavam me contar sua versão do caso, simultaneamente. Mandei que falasse um de cada vez.

– Tudo começou – explicou Jayme – quando Michael me devolveu o soco.

—MICHAEL YOUNG, *EUA*

A beleza pode não apenas ser encontrada em qualquer lugar, mas também transcender o tempo. É uma qualidade que vai além da firmeza da pele, do vigor dos músculos ou da cor dos cabelos.

—CLAUDIA MATARAZZO em *Beleza 10* (Editora Senac)

A maioria das pessoas tem o desejo de olhar para a exceção em vez de o desejo de se tornar excepcional.

—JOHN C. MAXWELL,
Developing the leader within you (Nelson)

Na natureza, nada é perfeito, e tudo é perfeito. As árvores podem ser retorcidas, vergadas de modos estranhos, e ainda assim são belas.

—ALICE WALKER,
citada por Jeffrey Zaslav na *USA Weekend*

A vida é como uma bicicleta de 10 marchas. A maioria de nós tem marchas que nunca usa.

—CHARLES M. SCHULZ

A esperança é uma coisa boa – talvez a melhor –, e o que é bom nunca morre.

—STEPHEN KING,
The Shawshank redemption (Viking Penguin)

Cortesia é a arte de selecionar seus pensamentos.

—MADAME DE STAËL

Casamento é a união de corpos e a aliança de almas.

—MARCOS ALMIR MADEIRA,
citado por Zelia Goldfeld em
Encontros de vida (Editora Record)

O suor na pele do atleta são lágrimas que o corpo chora na alegria do esforço.

—ARMANDO NOGUEIRA em
O canto dos meus amores (Dunya Editora)

Se você não arriscar nada, estará arriscando mais ainda.

—ERICA JONG,
How to save your own life (Holt)

Riso e lágrimas são reações à frustração e exaustão. Por mim, prefiro rir, já que há menos limpeza a fazer depois.

—KURT VONNEGUT,
Palm Sunday (Delacorte)